

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DIREITO

UM MODELO PARA O " PROJETO ÁFRICA "

TEORIA E APLICABILIDADE DE UM MODELO  
DE AÇÃO POLÍTICA EXTERNA

Dissertação submetida ao Colegiado de  
Professores do Curso de Pós-Graduação  
em Direito da Universidade Federal de  
Santa Catarina, para obtenção do grau  
de Mestre em Direito .

JOSÉ MÁRCIO MARQUES VIEIRA

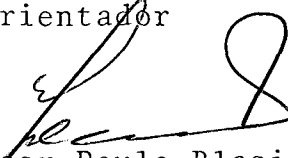
SETEMBRO - 1977

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do grau de Mestre em Direito - especialidade de Direito do Estado e aprovada em sua forma final.



Professor Alcides Abreu

Orientador



Professor Paulo Blasi

Coordenador do Curso

Apresentada perante a seguinte

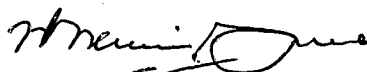
Banca Examinadora :



Professor Alcides Abreu



Professor Renato de Medeiros Barbosa



Professor Waldemiro Cascaes

## SUMÁRIO

pág.

## CAPÍTULO I

## INTRODUÇÃO

1. - Brasil-potência .....	3
2. - O "Projeto África" .....	10
3. - Legitimidade do "Projeto África" .....	16

## CAPÍTULO II

## TEORIA DOS MODELOS

4. - Modelo .....	23
5. - Conceitos .....	25
6. - Modelos, Classes e Tipos .....	30
7. - Modelos nas Ciências Sociais .....	36
8. - Construção de Modelos .....	40
9. - Aplicabilidade da Teoria dos Modelos às Ciências So- ciais .....	42

## CAPÍTULO III

## MODELOS POLÍTICOS E DE AÇÃO POLÍTICA

10. - Ciência Política. Política. Poder .....	49
11. - Modelo Político .....	56
12. - Modelo Político Externo .....	60
13. - Ação Política .....	64

## CAPÍTULO IV

APLICABILIDADE DA TEORIA DOS MODELOS À AÇÃO POLÍTICA  
EXTERNA

14. - Conclusão .....	70
-----------------------	----

BIBLIOGRAFIA .....	74
--------------------	----

À Luzia, minha mulher,  
e aos meus filhos  
Márcio, André e Júlio.

Devo registrar minha gratidão aos professores e aos meus colegas, que muito contribuíram para a conclusão do meu mes - trado e realização deste trabalho.

Os erros e insuficiências são meus .

## R E S U M O

O presente exercício pretende mostrar que o estudo, a formulação, a solução, a decisão, o acompanhamento e as correções, para solver o grave e complexo problema do desenvolvimento dos países do Terceiro Mundo, poderão ser adequadamente promovidos com a utilização de um Modelo de Ação Política Externa, produzido pela combinação dos conhecimentos disponíveis e em especial das teorias dos modelos, da comunicação, do controle, da cibernética e dos sistemas com as máquinas da Era Tecnológica .

## S U M M A R Y

This exercise intends to show that the study , formulation, solution, decision, control and adjustments to solve the important and complex development problem of the THIRD WORLD countries could be appropriately promoted by the utilization of an External Political Action Model, produced by combining the available knowledge and, especially, the theories of models, communication, control, cybernetics and systems with the modern machines of the technological Age .

## CAPÍTULO I

### INTRODUÇÃO



" Artigo 22 - Todo homem, como membro da sociedade, tem direito à previdência social e à realização pelo esforço nacional, pela cooperação internacional e de acordo com a organização e recursos de cada Estado, aos direitos econômicos, sociais e culturais indispensáveis à sua dignidade e ao livre desenvolvimento de sua personalidade. "

(Declaração Universal dos Direitos do Homem)

## 1. - Brasil-potência

O Curso de Pós-Graduação em Direito da Universidade Federal de Santa Catarina, como salientou o professor Acácio Garibaldi S. Thiago, seu primeiro Coordenador, "tem por objetivo imediato concorrer para o fortalecimento da Universidade como permanente centro de atividade criativas, visando a contribuir, ainda, para o aprimoramento do jurista, em termos de sublimação cultural e científica, com o que pretende coparticipar da aceleração do processo de desenvolvimento sócio-econômico do País e do aperfeiçoamento de suas instituições políticas." <sup>1</sup>

A política nacional de desenvolvimento, afirma o preclaro mestre, "não se realiza somente ao longo da observação e da adoção do resultado de experiências alheias; ela exige um ininterrupto processo de investigação e políticas, para o diagnóstico preciso." <sup>2</sup>

---

1. THIAGO, Acácio Garibaldi S. Apresentação. in Linhas de Pesquisa. - 1976-1979.

2. Idem. Ibidem.

Essa atitude demonstra uma relevante e justificável preocupação com o desenvolvimento nacional.

O confronto entre os países, assim como entre os homens, dividiu o Mundo, em ricos e pobres, em desenvolvidos e subdesenvolvidos.

De um lado a prosperidade, as riquezas da terra e os frutos de uma tecnologia altamente desenvolvida, de outro, vastas regiões subdesenvolvidas onde vivem populações famintas, desabrigadas, carentes de saúde pública, educação e outras necessidades sociais.

Todas as nações pobres, ou menos desenvolvidas, ou do Terceiro Mundo (em relação às do Primeiro Mundo, do Ocidente industrializado e do Segundo Mundo, dos comunistas), aspiram ao desenvolvimento e lutam por emergir do círculo vicioso da pobreza relativa.

O desenvolvimento é penoso e se afasta na medida em que se avança, pelo crescimento continuado dos paradigmas. Envolve grandes sacrifícios, depende de uma direção política firme, apoiada na vontade popular e, principalmente, exige decisões racionais.

É também um problema complexo, pois o Mundo evoluiu para um estado em que as nações e regiões de todas as partes não apenas se influenciam umas as outras, como dependem fortemente umas das outras, como um sistema de partes interatuantes. <sup>3</sup>

---

3. MESAROVIC, Mihajlo e PESTEL, Eduard. Momento de Decisão. O Segundo Informe ao Clube de Roma. p. 39

Além disto vivemos um período em que a humanidade se torna simultaneamente mais unificada e fragmentada. Tempo e espaço ficaram tão comprimidos, que a política global manifesta uma tendência tanto para formas de cooperação mais amplas e interligadas, quanto para a dissolução das lealdades institucionais e ideológicas estabelecidas.

Nações de diferentes tamanhos e que, em matéria de desenvolvimento, estão em épocas históricas diferentes, interagem criando fricções, padrões variados de acomodação e alinhamento sempre em mutação.

Um aspecto típico da humanidade concentrada é a rotinização do conflito. <sup>4</sup>

Na mesma linha de raciocínio o Dr. Carl Madden, economista-chefe da Câmara de Comércio Americana, citado por Alvin Toffler, afirma que "... estamos passando por um período de transição importante, marcado por uma redistribuição de poderes entre os países industriais e os países produtores de matérias primas ..." <sup>5</sup>

Todos, inclusive o Brasil, querem o desenvolvimento !

Foi evidentemente essa realidade que determinou, após a análise, em profundidade, das características político-estratégicas e tático operacionais do que se deseja atingir, nos campos interno e externo, a deliberação do Colegiado

4. BRZEZINSKI, Zbigniew. Entre Duas Eras. América Laboratório do Mundo. p. 21.

5. TOFFLER, Alvin. O Espasmo da Economia. p. 32.

de professores do Curso de Pós-Graduação em Direito da Universidade Federal de Santa Catarina de fixar-se no estabelecimento de uma política de pesquisa compatível com a emergência brasileira, ofertando a quantos buscam. no aludido Curso, "o grau de Mestre em Direito, condições básicas necessárias à sua participação na grande empreitada, que é o futuro do Brasil como grande potência, e a realização do homem nos planos material, cultural e espiritual, o que conferirá ao desenvolvimento esperado os necessários ingredientes humanísticos." <sup>6</sup>

Em síntese, o tema do Curso foi vinculado ao fato de que o Brasil, afastando-se do Terceiro Mundo, aproxima-se do Primeiro, convertendo-se em uma potência mundial em processo de emergência.

Idêntico é o pensamento do Ministro João Paulo dos Reis Velloso que, em seu livro-Brasil: A Solução Positiva, afirma: "Não é difícil, realisticamente, aceitar o futuro do Brasil como potência, sem triunfalismos."

Justificando essa assertiva, o atual Ministro da Secretaria do Planejamento, cita um dos mais famosos "brasilianistas", o Professor Ronald M. Schneider, que em seu recente livro "Brasil: A Política Externa de uma Futura Potência Mundial", conclui o seguinte :

"O Brasil se está aproximando do ponto, indefinido mas geralmente reconhecido, em que um país pode considerar-se uma potência de nível - a primeira estrela do hemisfério sul na galáxia mundial, e a primeira potência de en-

---

6. THIAGO, Acácio Garibaldi S. Op. cit. p. 3.

vergadura a emergir na cena internacional, desde a ascensão da China após a II Guerra Mundial." <sup>7</sup>

Estudando cuidadosamente a evolução da economia brasileira, principalmente na última década, Willian R. Cline, no ensaio intitulado "O Papel do Brasil como Potência Internacional Emergente", com base em dados relativos às importações, às exportações e ao crescimento da dívida externa, dentre outros, estabelece judiciosas comparações com os países desenvolvidos, em desenvolvimento e subdesenvolvidos.

Na conclusão, após afirmar que o Brasil como o maior importador entre os países subdesenvolvidos, um dos maiores exportadores e o terceiro em termos de contingente populacional, ocupa uma posição de liderança econômica natural entre os países em desenvolvimento, ressalta :

"Acima de tudo, o Brasil pode desempenhar um papel importante e responsável na evolução do sistema econômico internacional, agindo ocasionalmente como mediador entre os países industrializados e em desenvolvimento e, na medida em que tal atuação contribua para o estabelecimento de resoluções práticas para os problemas, facilitar resultados favoráveis para ambos os grupos e para si mesmo em particular." <sup>8</sup>

---

7. VELLOSO, João Paulo dos Reis. Brasil: A Solução Positiva. p. 111.

8. CLINE, Willian R. O Papel do Brasil como Potência Econômica Emergente. In: ROETT, Riordam . (Organizador). O Brasil na Década de 70. p. 125.

Robert A. Packenham, em criteriosa pesquisa intitulada "Tendências na Dependência Brasileira após 64", que culmina por afirmar uma redução, ao estabelecer um confronto entre as posições antagônicas dos analistas da dependência recolhe o ponto de vista de Stefan H. Robock, que considera que a dependência está desaparecendo e que o Brasil segue o caminho que o levará a uma posição de grande poder, da seguinte forma :

"... Se o Brasil puder manter seu impulso para o desenvolvimento, que na realidade se vem desdobrando gradativamente há cerca de três décadas, será uma das primeiras grandes nações a ultrapassar o abismo que separa os países subdesenvolvidos dos desenvolvidos (...). Tornar-se-á um dos maiores poderes políticos do mundo, conforme prevêem alguns observadores." <sup>9</sup>

É evidente, diante a tantos e tão eminentes depoimentos, inclusive de renomados cientistas políticos estrangeiros, que o Brasil é efetivamente uma potência emergente .

Desta certeza, como corolário, ressalta igualmente evidente a adequação da vinculação do Tema do Curso ao fato de BRASIL-potência .

---

9. ROBOCK, Stefan H. in: PACKENHAM, Robert A. Tendências na Dependência Brasileira após 64. in ROETT, Riordam. op. cit. p. 127.

"P.H.Bridgman disse um dia em minha presença: " O futuro é um programa! Queria dizer, com isto, que o futuro pode ser considerado como um conjunto de probabilidades implícitas na atual distribuição de recursos e fatores ambientais."

(Karl W. Deutsch) <sup>10</sup>

---

10. DEUTSCH, Karl W. Os Nervos do Governo. p. 307



## 2. - O " PROJETO ÁFRICA "

Estabelecidos os objetivos, vinculados ao fato do Brasil-potência, passou o Curso de Pós-Graduação em Direito da UFSC a definição da estratégia teórica e operacional com o propósito " (...) de repensar as instituições nacionais, através, particularmente, de :

NÍVEL POLÍTICO-ESTRATÉGICO - Estudar e eventualmente propor um modelo político global aplicável ao período de transição para a grandeza, que é a vocação nacional. O modelo é o do ordenamento jurídico-político da realidade brasileira como potência mundial em processo de emergência e, por isso, de afirmação.

NÍVEL TÁTICO-OPERACIONAL - Estudar e eventualmente decompor o modelo político global, em modelos particulares abrangentes das situações concretas relativas :

a) No campo interno :

- 1 - à formação da vontade nacional ;
- 2 - à divisão funcional do Poder ;
- 3 - aos níveis geopolíticos ;

- 4 - aos modos de desempenho do Poder quanto à divisão e quanto aos níveis.

b) No campo externo :

Ao estabelecimento de um modelo de ação externa para a condição de potência emergente, compreendendo, a conveniência :

- 1 - seleção de áreas geográficas de interesse imediato para a presença e a influência ;
- 2 - seleção de problemas ou temas particulares de interesse para a aceleração do significado nacional no mundo ;
- 3 - descentralização da atividade diplomática."

Essa concepção, por sua vez, gerou as "Linhas Especiais de Pesquisa, fixando as atividades de professores e mestrandos, no período de 1976-1979, nas seguintes :

"a) No campo interno :

A construção do modelo institucional :

- 1 - No passado: A evolução do constitucionalismo ;
- 2 - Em face da nova estatuta estratégica do País :
  - 2.1. - O repensamento das instituições político-jurídicas ;
  - 2.2. - Aspectos particulares do modelo :
    - 2.2.1. - Descentralização
    - 2.2.2. - Regionalização
    - 2.2.3. - Fiscalidade
    - 2.2.4. - Pluralismo
    - 2.2.5. - Intervencionismo

b) No campo externo :

Os modelos da presença brasileira no mundo :

- 1 - No passado : A evolução da diplomacia brasileira .
- 2 - Em face da nova estatura estratégica do país .

2.1. - Programa brasileiro de cooperação ao desenvolvimento dos países africanos de expressão portuguesa ;

2.2. - Ação do Brasil junto às principais organizações internacionais ;

2.3. - Organizações internacionais africanas ;

2.4. - A conjuntura institucional da América Latina ;

2.5. - A conjuntura institucional da Europa."<sup>11</sup>

O Programa Brasileiro de Cooperação ao Desenvolvimento dos Estados da África Subsaariana, especialmente dos Países Africanos de Expressão Portuguesa, um dos projetos de pesquisa aprovados pelo Curso de Pós-Graduação em Direito da UFSC, sinteticamente denominado "Projeto África", que deu origem e está inserido na primeira das linhas de pesquisa no campo externo, em face da nova estatura estratégica, foi inspirado pelo professor Alcides Abreu, e tem nele o seu constante e incansável mentor .

O objetivo geral do projeto é criar um modelo brasileiro para ação externa do País na África Sub-

---

11. UFSC. Curso de Mestrado em Direito. Linhas de Pesquisa 1976-1979. p. 8 e 9

saãrica e particularmente nos Países Africanos de Expressão Portuguesa .

Pretende ainda, o Projeto África , alcançar os seguintes objetivos :

- " 1º - Estudar e caracterizar o Continente Africano enquanto espaço econômico e cenário para exercício e desempenhos da penetração econômica brasileira em competição com interesses já ali constituídos ou em processo de implantação ;
- 2º - Identificar, particularmente, na África Subsaãrica, as oportunidades que se abrem concretamente à uma presença econômica brasileira sistemática, com a caracterização dos instrumentos e meios à adotar (acordos gerais, cooperação econômica, assistência técnica, ajudas, financiamentos , etc.), para a continuidade e a fixação dessa presença ;
- 3º - Identificar oportunidades de expansão da economia brasileira, particularmente nos Estados Africanos de Expressão Portuguesa."

Para alcançar o objetivo, o Projeto África foi dividido em atividades e para permitir uma resposta às normas do Curso de Mestrado e obtenção dos créditos relativos à dissertação, foi dividido (inicialmente) em 11 temas, cujos títulos são os seguintes :

#### 1. Modelo

2. Conceito estratégico do Brasil para uma ação externa .
3. O espaço brasileiro (político, econômico , cultural, de segurança) .
4. Os modelos de ação externa.
5. As formas concretas da ação externa.
6. O entendimento da África .
7. O entendimento da África de Expressão Portuguesa .
8. O Atlântico Sul .
9. Balanço da presença e ação externa do Brasil .
10. Balanço da presença e ação mundial na África Subsaariana .
11. O modelo brasileiro para a presença e a ação na África Subsaariana .

O presente estudo que corresponde \_  
ao título número 1 (um) está formado pelos seguintes subtítulos :  
los :

MODELO. Estudo teórico dos modelos. Aplicabilidade dos modelos nas ciências sociais. Modelo Político. Modelo de Ação Política. Modelo Político Externo. Modelo de Ação Política Externa .

"... não se pode descansar no front  
das exportações, que têm de conti-  
nuar sendo diversificadas, com  
acrêscimo constante de novas li-  
nhas de manufaturados."

João Paulo dos Reis Velloso

### 3. - Legitimidade do Projeto África

A simples realização do "exercício", pelo repensamento, ordenamento e comunicação dessa realidade complexa que é o sistema abrangido, justifica e legitima o "Projeto África" .

Além disto os motivos que fundamentaram a aprovação do Projeto pelo Curso de Mestrado justificam com maior força a sua realização .

Dentre os aludidos fundamentos ou argumentos, destacamos os seguintes :

- 1 - População - que alcançará no ano 2.000 provavelmente 770 milhões de habitantes com possibilidade para se constituir em mercado ascendente à diversificada e crescente produção brasileira .
- 2 - Faixa etária, conhecimento e renda - a população africana é predominantemente jovem , com baixo nível de educação e renda sugerindo portanto a necessidade de programas in -

tensivos de educação e fomento econômico para os quais a atual experiência brasileira é extremamente válida .

- 3 - Vínculos sanguíneos, lingüísticos e simbólicos - que (além de outros) ligam as populações do Brasil e da África, aproximando as culturas e simplificando a abordagem pelo Brasil dos problemas africanos .
- 4 - Multipolarização do Poder Mundial - O elevado número de países africanos, ainda não articulados, assume posição importante na ONU onde já representa aproximadamente 30% dos votos. A presença da África no cenário político mundial permite a multipolarização do Poder e a tarefa de articulação dos aludidos países talvez possa ser realizada pelo Brasil .
- 5 - Complementaridade Econômica - pela possibilidade de fornecimento pelo Brasil de mercadorias e serviços e de importação da África de matérias-primas .
- 6 - Ciência e Tecnologia - o estágio tecnológico recentemente alcançado e em evolução, pelo Brasil, que invadindo o Clube Atômico absorverá toda a tecnologia mundial e ainda não alcançado pela África, permite a transferência de ciência-tecnologia em doses e níveis de fácil absorção .



7 - Segurança Externa - o Atlântico Sul, que comporta toda uma estratégia de segurança baseada de um lado, no Brasil, e de outro, na África. Além disto, a eventual presença na África de influências hostis ao Brasil poderá compelir o País a atitudes preventivas voltadas para a segurança ocasionando elevados dispêndios que deixariam de ser aplicados no desenvolvimento nacional.

Por outro lado, o Modelo Brasileiro de Desenvolvimento, na forma apresentada por Mário Henrique Simonsen, preconiza: "... o crescimento das exportações é imprescindível para que o País seja capaz de continuar absorvendo capitais estrangeiros. Um país em desenvolvimento, como o Brasil, é naturalmente receptor de capitais, e, como tal, deve apresentar um deficit no balanço de pagamentos em conta corrente. Mas isso implica no endividamento externo crescente ao longo do tempo e, como tal, em encargos cada vez maiores de juros e remessas de lucros. Se as exportações não crescerem adequadamente, esses encargos, ao cabo de certo tempo, passarão a absorver uma parcela insuportável da receita cambial, e o país só poderá continuar recebendo capitais estrangeiros pelo endividamento em bola de neve." <sup>12</sup>

Salientando o choque do petróleo sobre a balança comercial brasileira, João Paulo dos Reis Velloso,

---

12. SIMONSEN, Mário Henrique. O Modelo Brasileiro de Desenvolvimento. p. 19.

explicitando a opção econômica adotada pelo Brasil como imposição da crise energética, enuncia a estratégia de substituição das importações em petróleo pela alternativa de virtual auto-suficiência em matérias primas, eis que o peso das últimas na balança de comércio é 100% superior a do Petróleo .

A estratégia, segundo o Ministro Secretário do Planejamento, compreende as seguintes peças :

- Aumento das exportações, à taxas anuais da ordem de 20%, com diversificação contínua .
- Aumento da participação da produção interna no atendimento do consumo de petróleo .
- Auto-suficiência em insumos Básicos (Siderurgia, Petroquímica , Não-ferrosos, Fertilizantes, Papel e Celulose, etc.) e em trigo.
- Substituição de Bens de Capital." 13

Detendo-nos apenas no aumento das exportações já estaria plenamente demonstrada a conveniência do Projeto África, porém, se examinarmos a necessidade de substituição das importações de petróleo pela auto-suficiência em matérias-primas, muito maior é a conveniência de aproximação com a África, pois é evidente a possibilidade de troca, sem influir na balança comercial, de matérias-primas africanas por manufaturados ou tecnologia brasileiros .

---

13. VELLOSO, João Paulo dos Reis. Brasil: A solução positiva. p. 117.

No plano internacional Thomas E. Skidmore, após salientar o sucesso do esforço exportador brasileiro que, não obstante à recessão mundial, conseguiu elevar suas exportações, passando de 7,9 (1974) para 8,7 bilhões de dólares em 75, corrobora a nossa argumentação, afirmando :

"O Brasil deve manter seu vigoroso crescimento das exportações, bem como maximizar a disponibilidade de tecnologia , capital e combustível proveniente do exterior. (...)"<sup>14</sup>

"Tendo erguido o maior parque industrial do mundo em desenvolvimento, o Brasil estará em posição de levar adiante a venda, no mercado exterior, de seus produtos acabados."<sup>15</sup>

Lembrando as discriminações que estamos sofrendo nas exportações de manufaturados - por parte dos Estados Unidos (calçados) e da Comunidade Européia (têxteis) -, é inegável a necessidade de procurar outros compradores, dentre os quais a África, e em conclusão, evidentemente justificada a legitimidade do Projeto África, ao menos como um exercício .

---

14. SKIDMORE, Thomas E. O papel do Brasil em face do Sistema Internacional: Implicações com relação à Política Norte-Americana. In : ROETT, Riordam. O Brasil na Década de 70. p. 38.

15. Idem. Ibidem. p. 40

## CAPÍTULO II

### TEORIA DOS MODELOS

" Aqueles a quem cabe tomar decisões em todos os níveis empregam, inconscientemente, modelos mentais para escolher, entre diversas políticas, as que darão forma ao nosso futuro."

(Donella H. Meadows et al ) <sup>16</sup>

---

16. MEADOWS, Donella H. et al. Limites do crescimento.p.17.

#### 4. - MODELO

O vocábulo "modelo" tem muitos significados. Nos últimos anos virou moda. Os cientistas falam de seus trabalhos "como construção de modelos".

Neste exercício "modelo" é uma representação da realidade .

O homem para pensar, sempre usou modelos. Desde os primeiros dias, antes mesmo da invenção dos números .

O cálculo ou conta, que deu origem a operação aritmética, para o pastor pré-histórico, era apenas uma pedrinha, concha ou glóbulo furado. Para abranger mentalmente o seu rebanho, cada uma das ovelhas, pequena ou grande, era proporcionalmente representada num colar, formando um modelo simplificado da realidade .

Nós também utilizamos modelos .

Diariamente, ao nos defrontarmos com problemas que inconscientemente provocam o surgimento de hi

pôteses, confrontamos conhecimentos e experiências acumuladas , gerando modelos mentais, dos quais decorrem decisões .

Esses modelos mentais, comparados com a realidade que representam, são muito simples. No entanto, um modelo em computador pode combinar em uma só experiência milhares de partes e facetas interagentes, que de outra forma poderia ser impossível ou muito oneroso .

A modelagem computadorizada é extensiva da mente humana, aumenta a velocidade do pensamento e o alcance do que pode ser pensado em um só contexto .

Assim como ocorreu com a fragilidade física, exponencialmente ampliada pela associação com as máquinas, também o modelo - com apoio nas máquinas da era tecnológica (ou tecnetrônica) - pode ampliar as qualidades mentais humanas com a entrada de dados analisados, permitindo a exploração de alternativas e com os conhecimentos e regras da teoria geral dos sistemas resolver os problemas espaciais .

## 5. - CONCEITOS

A prova da popularidade da noção de modelo na ciência contemporânea é o seu uso corrente na linguagem científica, não só nas ciências fáticas, mas principalmente nas ciências do homem, nas quais se fala, dentre outros, de modelos de aprendizagem, de conduta, de interpretação, de personalidade, político, matemático, econômico, de computador, de comunicação, de desenvolvimento e de administração .

A multiplicidade de usos não esclareceu contudo o sentido preciso da palavra que se modifica de acordo com a utilização, mantendo porém a idéia de representação da realidade .

Alguns autores, como Maurice Duverger<sup>17</sup> e Abraham Kaplan,<sup>18</sup> afirmam que o termo "modelo" está

---

17. DUVERGER, Maurice. Ciência Política. p. 402.

18. KAPLAN, Abraham. A Conduta na Pesquisa . p. 265.



na "moda" acentuando o último que estas palavras têm, indiscutivelmente; a mesma raiz e que a construção de modelos é ciência à la Mode .

No entanto, embora com alguma ironia, é de Kaplan, a afirmação: "É certo, porém, que ao longo da história da ciência, podemos distinguir estilos cognitivos característicos de certo período. A moda não é, necessariamente, um escolho no caminho da realização científica ...".<sup>19</sup>

Maurice Duverger considera os modelos como: "... um caso particular de tipologia: eles constituem grupos de hipóteses de trabalho, apresentando, de certo modo, uma espécie de imagem reduzida e esquemática da realidade."<sup>20</sup>

Armando Asti Vera da Universidade de Buenos Aires, define: "um modelo é um conjunto de sinais isomorfo a uma teoria, isto é, qualquer que seja a relação existente entre os dois elementos do sistema ou teoria, deve existir uma relação correspondente entre os dois elementos respectivos do modelo."<sup>21</sup>

James G. March em O Poder do Poder, ao examinar tipos de modelos de escolha social, dá o seguinte conceito: Por modelo entendo um conjunto de afirmações sobre a maneira pela qual as escolhas individuais (ou comportamento) se

19. KAPLAN, Abraham. Op. cit. p. 300.

20. DUVERGER, Maurice. Op. cit. p. 395.

21. VERA, Armando Asti. Metodologia da Pesquisa Científica  
p. 152 .

transforma em escolhas sociais, e um procedimento para utilizar essas afirmações para deduzir algumas previsões empiricamente significativas." 22

O discutido e sempre citado Karl W. Deutsch, em *Os Nervos do Governo*, ao tratar da tarefa intelectual da nossa época, afirma: "Penso que é nosso dever aumentar as potencialidades do equipamento intelectual de que dispomos. Já que não sabemos como alcançar tal objetivo por meio de mutações biológicas - ainda que algo pudesse ser feito nesse sentido -, a única maneira de fazê-lo é aumentar e melhorar a qualidade dos esforços pessoais, agindo da mesma forma em relação às extensões artificiais do nosso pensamento, os instrumentos de simulação dos processos mentais, as fórmulas de trabalho de equipe entre os homens e as máquinas, tendo em vista a oportuna e adequada produção de idéias e ampliação do conhecimento." 23

S. Chakravarty, estudando o uso dos modelos na economia, concluiu: "um modelo matemático é uma imagem idealizada do mundo real, em que as interrelações entre as diferentes variáveis econômicas se apresentam com a ajuda do simbolismo matemático e o processo ordinário de dedução é substituído por operações matemáticas." 24

---

22. MARCH, James C. O Poder do Poder. in *Modalidades de análise Política*. p. 24

23. DEUTSCH, Karl W. Os Nervos do Governo.

24. CHAKRAVARTY, S. *The Logic of Investment Planing*. p. 9 (introdução).

Entre nós, o professor Silvio Coelho dos Santos, do Pós-Graduação em Direito da UFSC, em Metodologia Científica Básica, ensina: "O termo modelo pode ser entendido , na área de conhecimento que estamos tratando, como representação analítica de um sistema, via de regra sob a forma de diagrama ou fórmula matemática. Assim o termo modelo pode ser identificado \_ com teoria ou com noção teórica. Pode-se falar em modelo darwiniano (teoria da evolução); ou em modelo newtoniano (teoria da gravitação). Mas convém pensar, nesse nível de identificação (modelo = teoria), como sendo o modelo uma espécie de imagem mental que facilita a compreensão da teoria." 25

Eva Nick e Heliana Rodrigues, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em Modelos em Psicologia , como introdução a definição de modelo afirmam que a denominação é utilizada, atualmente, em seis acepções principais: como sinônimo de teoria; como sistema científico não teórico; como tipo \_ particular de formulação teórica; como interpretação de sistema formal; como sistema isomórfico e como objeto da ciência. 26

Mais adiante declarando-inexistir \_ acordo entre os autores quanto ao sentido do termo modelo, rejeitam várias das interpretações que lhes têm sido dadas e culminam por concordar com Brodbeck e Rudner em usar o termo modelo unicamente para designar "teoria isomórfica a outra ou interpretação \_ alternativa do mesmo cálculo." 27

---

25. SANTOS, Silvio Coelho dos. Metodologia Científica Básica. p. 19

26. NICK, Eva & RODRIGUES, Heliana. Modelos em Psicologia . p. 22.

27. Idem. Ibidem. p. 62.

No Segundo Informe ao Clube de Roma, Mihajlo Mesarovic e Eduard Pestel, justificam a adoção de "um modelo de computador" para a análise da futura evolução do sistema mundial, afirmando: "... por um modelo designamos simplesmente um conjunto coerente e sistemático de descrições das relações relevantes. O modelo representa uma imagem dos aspectos relevantes da realidade tal como a percebemos. Esse modelo não tem que ser dado em números: poderá apenas indicar os pontos que estão relacionados e possivelmente em que sequência. Todos usam modelos desse tipo com muita frequência numa variedade de situações, sempre que uma decisão estiver para ser tomada ou uma escolha para ser feita." 28

Não pretendemos lembrar todos os conceitos. A intenção, já alcançada, foi demonstrar sua variedade e estabelecer uma ponte para a próxima abordagem.

Em síntese, o modelo é uma representação da realidade. É útil ou inútil. Na utilidade a sua razão de ser. O "nosso" modelo é um instrumento de ampliação da capacidade mental para, pela representação simplificada da realidade, produzir decisões racionais e eficazes .

---

28. MESAROVIC, Mihajlo e PESTEL, Eduard. Momento de Decisão.

## 6. - MODELOS. CLASSES E TIPOS

Partindo da constatação de que existem muitos sentidos no vocábulo "modelo" e que o seu conteúdo conceptual varia de acordo com a utilização, é fácil concluir que os estudiosos divergiram na identificação e denominação das várias classes e formas de modelos .

Abraham Kaplan, tomando por base o sentido do termo, distingue cinco "tipos", a saber: (I) qualquer teoria formulada mais estritamente do que nos estilos cognitivo, literário, acadêmico ou polêmico, qualquer teoria que apresente algum grau de exatidão matemática e rigor lógico ; (II) um modelo semântico que apresente um análogo conceitual a algum objeto; (III) um modelo físico, um sistema não-linguístico análogo a algum outro que esteja em estudo; (IV) um modelo formal, um modelo de uma teoria que a apresenta simplesmente como estrutura de símbolos não interpretados; (V) um modelo interpretativo, fornecendo uma interpretação para uma teoria formal. <sup>29</sup>

---

29. KAPLAN, Abraham. Op. cit. p. 274

Maurice Duverger distingue nos modelos duas grandes classificações: de um lado, a dos modelos matemáticos e dos modelos não-matemáticos; de outro, a dos modelos de previsão e dos modelos de investigação. <sup>30</sup>

Alcides Abreu apresenta uma classificação de modelos segundo: a função; a estrutura; a referência tempo; a referência incerteza e a generalidade. <sup>31</sup>

Os modelos físico são especificações dos modelos explicativos, geralmente construídos com materiais concretos e em escala. São tão antigos quanto a humanidade. Em épocas muito remotas o homem construiu ídolos ou imagens para finalidades mágicas ou religiosas .

Os modelos físicos são também chamados de isomorfos. O isomorfismo é o fenômeno pelo qual duas ou mais substâncias que tenham composição química análoga se cristalizam em formas semelhantes. Os modelos físicos têm desempenhado uma função cognitiva muito importante em todos os ramos da tecnologia. A engenharia aeronáutica submete modelos físicos, um análogo em escala, a simulação do voo em túneis de vento. Da mesma forma, modelos de navios e automóveis são experimentados em escala, por evidentes resultados em economia e segurança. A engenharia civil e hidráulica também utiliza modelos físicos , em escala, de represas, portos, redes de esgoto, etc.

---

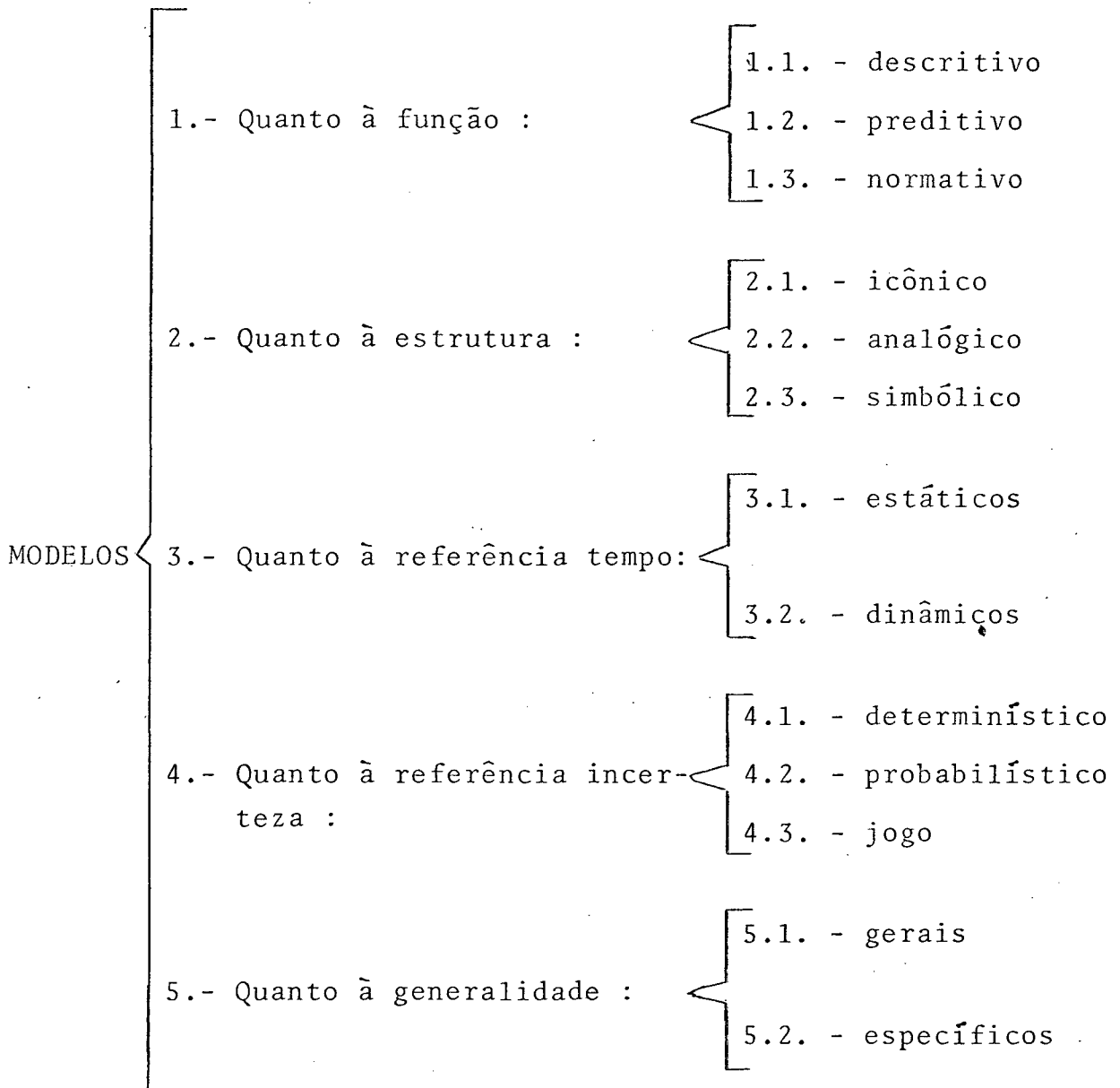
30. DUVERGER, Maurice. op. cit. p. 402.

31. ABREU, Alcides. Análise Sistêmica de Partidos Políticos. p.23

Os modelos formais, em geral abstrações isomorfas de teorias (isomorfa = que apresenta a mesma forma), consistem em abstrair a forma lógica dos modelos concretos, alcançando deste modo uma grande generalidade .

Os modelos matemáticos são, ao mesmo tempo, uma formalização e uma simbolização de teorias ou de modelos concretos (físicos). O sistema solar representado por um conjunto de esferas girando em torno de uma esfera central, é um modelo físico que pode ser convertido em matemático. Substituindo as esferas por pontos geométricos e os braços que unem os "planetas" ao "sol" por relações numéricas .

Os tipos de modelos podem ser apresentados, no seguinte esquema :



O modelo descritivo que simplesmente retrata uma situação, sem predizer ou recomendar. São exemplos um gráfico de organização, uma planta ou um layout .



O modelo preditivo é aquele que indica que "se tal fato ocorre, então acontecerá tal coisa". Relata variáveis dependentes e independentes. Por exemplo: Se as geadas forem fortes o preço do café se elevará .

O modelo normativo é aquele que fornece a melhor resposta para um problema. Eles recomendam rumos para ação .

Modelo icônico que retém algumas das características físicas das coisas que apresenta. Por exemplo : modelo em escala de um avião, automóvel ou navio .

Modelo analógico, aquele em que os componentes ou processos são substituídos para apresentar uma situação paralela à representada. É exemplo, a analogia estabelecida entre os circuitos e componentes de um computador com a realidade que representam .

Modelo simbólico, que usa símbolos para descrever o mundo real. Por exemplo :  $CI = PC + F + D$  ou seja, Custo de Inventário (CI) é igual ao Preço de Compra (PC) mais o frete (F), mais as despesas (D) . . . .

Modelo estático, o que não apresenta mudanças ao longo do tempo. Organograma de uma empresa, pode ser tomado como exemplo .

Modelo dinâmico, em que o tempo é uma variável independente .

Modelo determinístico, em que para um conjunto determinado de entrada (insumo) corresponde, sob condição de certeza, uma saída (ou produto). Por exemplo: Lucro = Resultado menos custo .

O modelo probabilístico, envolve \_ distribuições de probabilidade para entradas (inputs) ou proces\_ sos e prevê uma escala de valores de ao menos uma variável de saída (output) com uma probabilidade em cada valor. Este modelo opera mediante decisões tomadas sob condições de risco. A tabela atuarial, que fornece a probabilidade de morte em função da idade, é um exemplo deste tipo de modelo.

O modelo de jogo, ou da teoria dos jogos, procura soluções ótimas nas situações de total ignorância ou incerteza .

Os modelos gerais são modelos que podem aplicar-se a várias situações concretas .

Os modelos específicos são os que tem aplicação a um único problema .

## 7. - MODELOS NAS CIÊNCIAS SOCIAIS

O modelo como instrumento da inteligência tanto pode ser usado para representar quanto conhecer a realidade, ou modelar o futuro .

O conhecimento tem sido um constante confronto do conhecido com o não conhecido. Passamos do que conhecemos de um objeto para a formulação de hipóteses sobre outro, desconhecido, mas estruturalmente semelhante ao primeiro .

A utilização de modelos de objetos \_ no processo cognitivo nas ciências sociais é muito antigo. A partir do desenvolvimento da técnica de relojoaria apareceram os modelos de mecanismo que foram aplicados ao governo nas obras de Hobbes e Maquiavel e as teorias sobre a divisão e equilíbrio de poder, freios e contrapesos, de Locke e Montesquieu .

No século XIX com o desenvolvimento \_ das ciências biológicas, ganharam vigor as idéias de totalidade, interrelações, crescimento e evolução, defendidas por Rousseau e por Burque .

Os modelos clássicos de organismo \_ apareceram em inúmeras obras do pensamento político e destacavam

a interdependência de todas as partes de um sistema e suas estruturas e funções mas excluía a reorganização interna significativa e limitavam a sua evolução à um nível final e pré-determinado de maturidade .

As noções de processo se desenvolveram a partir da experiência do diálogo, da luta e do processo histórico, como uma ação de mudança inalterável .

Nos séculos XVIII e XIX, as idéias de processo histórico foram ampliados por Kant, Hegel, Marx e outros. Surgiram uma série de "escolas históricas", que com base na compilação e ordenamento de fatos históricos produziram interpretações em todas as áreas .

A conjugação de tais modelos deu uma grande contribuição ao progresso científico mas não provocou a medição e o cálculo nem tão pouco as predições quantitativas no tempo e no espaço .

Faltavam modelos que incluíssem além da qualidade e da quantidade e que facilitassem o reconhecimento de pautas, em conjunto com a mensuração e as predições suscetíveis de verificação .

Os modelos matemáticos contemporâneos utilizados pelas ciências sociais são provavelmente "filhos" intelectuais dos modelos inspirados no mecanismo clássico .

Das pesquisas de Herbert A. Simon surgiram modelos matemáticos mais sofisticados e frutíferos, como os relativos à aprendizagem e às diversas classes de "racionalidade". Do mesmo período os modelos de otimização, que

a partir de grande quantidade de informação sobre alternativas, selecionava a ótima .

Os tipos ideais de Max Weber para analisar os processos e as instituições sociais, determinaram o aparecimento das idéias da " busca de objetivos ".

No mesmo grupo de modelos da procura de objetivos, foi desenvolvida pelos sociólogos Talcott Parsons e Robert K. Merton, a análise estrutural-funcional.

A teoria dos jogos de Von Neumann e Morgenstern, apresentou um novo método para o estudo das decisões Políticas e Sociais, bem como das estratégias ou decisões sobre tipos de decisões .

A partir do final da Segunda Guerra Mundial, com o surgimento da teoria da informação de Shannon e Weaver, da " Cybernetics " de Norbert Wiener e da organização em 1954, da Sociedade de Pesquisa Geral dos Sistemas, o conhecimento científico ganhou novos rumos e horizontes .

A Teoria Geral dos sistemas tem por fim identificar as propriedades, princípios e leis característicos dos sistemas em geral, independentemente do tipo de cada um, da natureza de seus elementos componentes e das relações ou forças entre eles. Um sistema se define como um complexo de elementos em interação, interação essa de natureza ordenada (não fortuita). Tratando das características formais das entidades denominadas sistemas, a teoria geral dos sistemas é interdisciplinar, isto é, pode ser usada para fenômenos investigados nos diversos ramos tradicionais da pesquisa científica. Ela não se limita aos sistemas materiais, mas aplica-se a qualquer todo constituído por componentes em interação. A teoria geral dos siste-

mas pode ser desenvolvida em várias linguagens matemáticas, em linguagem vernácula, ou ser computarizada.<sup>30</sup>

A cibernética foi definida como a ciência da comunicação e do controle. Desenvolveu-se, primeiramente no contexto de problemas associados com o desenvolvimento de sistemas complexos de armamentos equipados com direção automática e dispositivos de controle. Problemas semelhantes surgiram também nos projetos de sistemas de comunicação e de computadores de alta velocidade. O princípio cardinal existente em todos esses problemas é o da quantidade de informação.<sup>31</sup>

Estas noções sobre a Teoria Geral dos sistemas e a cibernética, combinadas com a possibilidade de quantificação matemática da informação permitem a formulação e construção de modelos em linguagem matemática ou simbólica para simulação da realidade em computadores .

---

30. BERTALANFFY, Ludwig von. et al. Teoria dos Sistemas. p.1

31. RAPOPORT, Anatol. Aspectos Matemáticos da Análise Geral dos Sistemas. in BERTALANFFY, L., Ludwig von. et al. Teoria Geral dos Sistemas. p.29

## 8. - CONSTRUÇÃO DE MODELOS

A maior ou menor dificuldade para construção de um modelo depende da sua forma, estrutura, finalidade e da aproximação à realidade que deverá representar e da possibilidade de identificar suas constantes e parâmetros e quantificar ou medir suas variáveis .

O procedimento para construção de um modelo, especialmente em situações complexas, poderá ser o seguinte :

- a) Identificar e descrever o problema ;
- b) Identificar as constantes, os parâmetros e as variáveis envolvidas. Definí-las verbalmente e representar cada uma por símbolos;
- c) Selecionar as variáveis que revelem maior importância ou influência de modo que o modelo possa ser "arquivado" da forma mais simples possível ;

- d) Definir as variáveis controláveis ;
- e) Estabelecer relação verbal entre as variáveis baseadas em princípios conhecidos, especialmente juntando, dados, intuição e reflexão. Formular suposições ou previsões sobre o comportamento das variáveis não controláveis ;
- f) Construir o modelo combinando todas as conexões num sistema de relações simbólicas ;
- g) Representar manipulações simbólicas (tais como sistemas de equações ou análise estatística) ;
- h) Emergir soluções a partir do modelo ;
- i) Testar o modelo simulando e confrontando os dados encontrados com dados reais ;
- j) Revisar o modelo, quanto necessário .



## 9. - APLICABILIDADE DA TEORIA DOS MODE - LOS ÀS CIÊNCIAS SOCIAIS

A vida do homem tem uma constante \_  
que deflui da sua racionalidade : solver problemas .

Nos primeiros dias, quando a solu -  
ção dos problemas abrangia apenas a satisfação das primeiras ne\_  
cessidades e em especial a preservação da espécie, as decisões\_  
eram - principalmente - intuitivas e seu alcance imediato .

A evolução gerou a complexidade, em  
tal amplitude e interação, que é absurdo tentar solver proble -  
mas complexos do presente e do futuro com a metodologia do pas -  
sado .

A abordagem sistêmica, que analisa\_  
os problemas em sua totalidade e em suas ramificações e interde\_  
pendências, é instrumento da decisão racional .

A cibernética, que tem por preocupa\_  
ção o estudo da comunicação e do controle, aperfeiçoou essa \_  
abordagem .

No âmago da abordagem científica dos problemas complexos está o sistema, como agente de organização e controle .

Sistema é o conjunto de elementos em interação ordenada cujas partes implicam em interdependência entre si e o meio ambiente. A alteração de uma variável tensiona as demais, transformando-as .

Dois princípios regem o controle dos sistemas : da retroalimentação ou " feedback " e da homeostase .

O " feedback " é ativado por erros. Quando o sistema diverge do padrão estabelecido, uma informação sobre o " erro " é realimentada provocando a correção .

A homeostase é essa propriedade de conhecer e corrigir os desvios do padrão .

A solução de problemas complexos envolve a utilização consciente e deliberada de conhecimentos e técnicas da organização, da informação, dos modelos, dos sistemas, da comunicação e do controle, combinados com as máquinas da Era Tecnológica, em cujo limiar nos encontramos .

Esta metodologia é interdisciplinar, aplicando-se a qualquer todo constituído por elementos ou componentes em interação .

As empresas modernas, há quase dez anos, vêm fazendo, com bons resultados, emprego efetivo de princípios de Administração Sistêmica evidentemente originários da Teoria Geral dos Sistemas .

Algumas, dentre as maiores, chegaram a utilização de modelos computadorizados .

William Barcellos, "Comptroller" do Grupo Jornal do Brasil, em seu livro A Teoria de Sistemas na Administração Moderna, nos dá notícia da existência de um modelo brasileiro (de administração) e que os resultados aqui alcançados são superiores aos dos Estados Unidos e após relatar as dificuldades decorrentes do despreparo dos gerentes para enfrentar as flutuações da economia, assinala :

" - É uma terrível ironia: o berço das grandes teses sobre microeconomia permitiu que as equações ensinadas "dormissem" em seus livros, para serem despertadas, vivificadas e dinamizadas pelas economias ávidas de soluções para seus problemas de flutuações de mercado e de estado inflacionário, como é o caso presente do Japão, da Holanda e do Brasil." 32

Outro não era o entendimento do "papa" da Teoria dos Sistemas, Ludwig von Bertalanffy, que nos últimos anos sessenta, já afirmava :

---

32. BARCELLOS, William. A Teoria de Sistemas na Administração Moderna. p. 193

" A aplicação prática, na análise e engenharia de sistemas, da teoria dos sistemas aos problemas que surgem nos negócios, governo, política internacional demonstra que este enfoque " funciona ", conduzindo ao mesmo tempo à compreensão e à predição. Mostra especialmente que o enfoque dos sistemas não se limita às entidades materiais em física, biologia e outras ciências naturais, mas é aplicável à entidades que são parcialmente imateriais e altamente heterogêneas. A análise dos sistemas, por exemplo, de uma empresa industrial abrange homens, máquinas, edifícios, entrada de matérias-primas, saída de produtos, valores monetários, boa vontade e outros imponderáveis." 33

Mihajlo Mesarovic e Eduard Pestel , do Clube de Roma, corroboram a aplicabilidade da Teoria dos Modelos às ciências sociais com o Modelo Multinivelado do Sistema Mundial, destinado à análise da futura evolução do sistema aludido, com base num conjunto de cenários formados por sequências de possíveis acontecimentos e opções sociopolíticas. 34

---

33. BERTALANFFY, Ludwig von. Teoria Geral dos Sistemas. p.

34. MESAROVIC, Mihajlo. e PESTEL, Eduard. Op. cit. p. 55

Demonstrada a aplicabilidade da Teoria dos Modelos na administração moderna, ressalta evidente a sua interdisciplinaridade e aplicabilidade às ciências sociais .

### CAPÍTULO III

#### MODELOS POLÍTICOS E DE AÇÃO POLÍTICA

" O bem que se deriva da ciência soberana, da ciência mais fundamental de todas, e esta é precisamente a ciência política... Como ela se serve de todas as demais ciências práticas e prescreve também em nome da lei o que se deve fazer e o que se deve evitar, poderia dizer-se que seu fim abraça os vários fins de todas as demais ciências e, por consequinte, o da política será o verdadeiro bem, o bem supremo do homem."

(Aristóteles. Moral a Nicomaco. Livro I, cap. I, p. 56)

## 10. - CIÊNCIA POLÍTICA. POLÍTICA. PODER.

A ciência política evoluiu de vários campos correlatos de estudos, abrangendo os conhecimentos da história, da filosofia, do direito e da economia.

Tem sido multiformemente definida como o estudo da vida numa comunidade organizada, como o estudo do Estado e como o estudo das relações de Poder entre indivíduos e grupos, ou seja, a "política" .

Os gregos compreendiam a "política" num sentido muito amplo. O vocábulo originou-se da designação do Estado-cidade - polis - e Aristóteles em seu livro A Política observa que " o homem, é, por natureza, um animal político".

A Ciência Política, segundo Darcy Azambuja, estuda o Estado em geral, nos seus elementos permanentes, indaga-lhe a origem e a finalidade, descreve a estrutura e funcionamento de seus órgãos e política é o que se refere ao Estado, o que dele faz parte, com ele se relaciona e na medida que se relaciona. <sup>35</sup>

Acentuando a dificuldade de definir precisamente a ciência política Duverger, em sua obra Ciência e

---

35. AZAMBUJA, Darcy. Teoria Geral do Estado. p. 9



Política: Teoria e Método, afirma que as definições só tem valor em matemática e em Direito, porque elas criam o próprio objeto que é definido ... . Nas ciências de observação, as definições são apenas sínteses provisórias de fatos já conhecidos , que a descoberta de outros fatos recoloca constantemente em foco ... . Uma precisa definição de ciência política só seria , realmente, possível se a ciência política estivesse perfeitamente conceituada, se tivesse sido explorado inteiramente o seu domínio. Estamos longe disso, muito longe : a ciência política é, ao contrário, uma ciência jovem, uma ciência na infância. Falaremos, por isso, mais de " noção" do que de definição: termo mais vago, menos preciso, menos ambicioso, que corresponde melhor à realidade. <sup>36</sup>

Passando pelo problema da delimitação do campo da ciência política em relação às outras ciências sociais culmina afirmando a inexistência de fronteiras naturais entre os diferentes ramos do saber e que a classificação das ciências foi estabelecida por questão de comodidade prática (quando não por motivos de rivalidades universitárias) . <sup>37</sup>

Mais adiante, o renomado professor de Sociologia Política da Faculdade de Direito e de Ciências Econômicas de Paris, após analisar o objeto da ciência política, confronta várias concepções, dentre as quais duas em posições

36. DUVERGER, Maurice. Ciência Política. Teoria e Método-  
p. 9

37. Idem. Ibidem. p. 10

extremadas. Uma afirmando que a ciência política é a ciência do poder e outra que a ciência política é a ciência do Estado. Prossegue, lembrando a existência de posições intermediárias, definindo, ora, a ciência política como ciência do poder nas sociedades complexas e ora, como ciência do poder baseado na coação física. Após chamar a atenção sobre a conveniência de definição realista do Estado, por critérios sociológicos, conclui afirmando :

"... só a definição ampla da ciência política pode ser aceita: é a ciência do poder sob todas as formas." 38

Paulo Bonavides, professor da Faculdade de Direito da Universidade do Ceará, considerado um dos precursores da Ciência Política em nosso País, defende a corrente "tridimensionalista", que nega a predominância ou exclusividade da Filosofia, da Sociologia e do Direito e abrangendo -por conseguinte - a consideração jurídica, sociológica e filosófica .

Mais além, acentua a existência de desacordo entre os escritores políticos dos principais países ocidentais acerca dos limites da disciplina. Ensina ainda que no mundo anglo-americano prepondera a denominação ciência política e na Alemanha deram-lhe o nome de teoria geral do estado.<sup>39</sup>

---

38. DUVERGER, Maurice. op. cit. p. 26

39. BONAVIDES, Paulo. Ciência Política. p. 25

Embora correta a posição defendida pelo professor Paulo Bonavides, preferimos filiar-nos ao entendimento de Maurice Duverger, dada a amplitude do poder .

Em suma, " ciência política é a ciência do poder sob todas as formas."

Maior dificuldade de conceituação oferece a Política. Muitos autores definem a política como o objeto da ciência política.

A palavra política deriva dos termos gregos polis, politeia, politica e politiké. Polis é a Cidade-Estado, o território urbano, a comarca e o conjunto de cidadãos que formam a Cidade. Politeia é a Constituição, o regime político, a república, a cidadania no sentido do direito de todos os cidadãos. Politica, plural neutro de politicos, são as coisas políticas, cívicas, tudo que se refere ao Estado, a Constituição, ao regime político, a soberania. Politiké é a arte da política.<sup>40</sup>

A atual tendência para definir a política já não se limita ao estado ou ao governo, afirmando que alcança o poder .

Não há sociedade sem poder. Nos sistemas sociais, a base da coesão e desenvolvimento do grupo é o poder .

---

40. PRELOT, Marcel. La ciência política. Citado por S.V.

QUINTANA, Linares. Derecho Constitucional e Instituciones Políticas. I, p. 22.

Poder político é a distinção que existe entre governantes e governados. Os atos políticos geralmente correspondem aos dos governantes.

André Hauriou, apresenta - em caráter geral - a seguinte definição de poder:

"O poder é uma energia da vontade que se manifesta naqueles que assumem o governo de um grupo humano e que lhes permite impor a sua autoridade graças a dúplice ascendência da força e da competência. Quando está sustentado somente pela força, tem o caráter de poder de fato, que se converte em poder de direito pelo consentimento dos governados." <sup>41</sup>

Duverger, distingue "poder" de "dominação" ou "Superioridade". O poder, segundo ele, corresponde ao poder político, ou seja à distinção entre governantes e governados e dominação o antagonismo entre governados.

Dentre os meios de ação política, para incitar os homens à ação, os mais importantes, no magistério de André Hauriou, são a persuasão e a coerção. <sup>42</sup>

Duverger vai mais longe e embora inicie a abordagem tratando de "elementos do poder", trata evidentemente de instrumentos de ação, enumerando os seguintes:

---

41. HAURIOU, André. Derecho Constitucional e Instituciones Políticas. p. 123 e 124.

42. Idem. Ibidem. p. 21

fenômeno de força, coação e coerção. A coação pode ser, física, econômica, pressão social difusa, enquadramento coletivo, propaganda e crenças. No enquadramento coletivo, poderiam estar contidos as crenças religiosas, os partidos políticos e os grupos sociais .

A coação física é a mais primitiva de todas as formas, todo o aparato policial do Estado exerce a sua pressão .

A coação econômica decorre do exercício do poder pela classe dominante sob o ponto de vista econômico em condições de afligir os mais fracos. Os ricos podem oprimir os pobres. As grandes empresas as pequenas .

A pressão social difusa decorre da educação para a obediência. Desde pequeno o homem é levado a obedecer, primeiro os pais. Depois os professores . Finalmente os governantes .

A coação por enquadramento coletivo ocorre pela participação em grupos sociais fechados que adotam orientação uniforme. O partido político, determinadas sociedades, agremiações, corporações militares e ordens religiosas , dentre outros, são exemplos .

A propaganda, que pode ser de coação ou de persuasão, cria imagens de temor ou adesão e consequente obediência .

Seja como for, conclui Duverger , "todo poder repousa largamente sobre as crenças. Os governados acreditam que é preciso obedecer, e que é preciso obedecer aos

governantes estabelecidos de uma certa forma". 43

Em suma, a ciência política é a ciência do poder sob todas as formas. Tem por conteúdo a política que abrange por sua vez o Estado, o governo e o poder. E este é a faculdade de tomar decisões sendo que não há sociedade sem poder. O poder, geralmente, tem por base as crenças. Nesta hipótese não tem necessidade da força para se fazer obedecer.

---

43. DUVERGER, Maurice. Ciência Política. Teoria e Método.  
p. 15

## 11. - MODELO POLÍTICO

Modelo Político é uma representação conceptual do Estado, como sistema social, descrevendo seus componentes, seus atributos, suas variáveis, entradas e saídas, controle e retroalimentação e seu ambiente.

Dalmo de Abreu Dallari, em *O Renascer do Direito*, entende que o modelo político pode surgir com uma resposta à necessidade de fixar objetivos e de definir uma ordem que possam ser considerados normais e permanentes, criada pela tomada do poder por grupos heterogêneos e sem um ideal político definido.<sup>44</sup>

O estudo das inúmeras concepções de modelo e sua conseqüente análise, segundo Dallari, conduz a um dualismo irreduzível, constatando-se a ocorrência de duas idéias radicalmente opostas, tanto em relação ao conceito, quanto à formulação ou utilização do modelo.

---

44. DALLARI, Dalmo de Abreu. O Renascer do Direito. p. 19

A primeira, que denomina de elitista, entende o modelo como uma construção prévia, obtida a partir de valores abstratos, arbitrariamente selecionados. Um grupo superior de agentes mais aptos, esclarecidos e intelectualmente formados, através de um processo lógico, selecionaria os objetivos mais convenientes e formularia uma organização política completa .

A segunda concepção de modelo parte da realidade. "Procedendo à verificação, à análise e à comparação dos comportamentos habituais, procura identificar as aspirações, as necessidades, as possibilidades e os costumes que compõem um núcleo fundamental de valores e de meios de ação, peculiares ao povo observado. Ordenando esses dados num conjunto sistemático, procuram fixar uma organização que possa favorecer a consecução das aspirações, com um mínimo de atritos e de resistências." 45

O modelo é portanto formulado pelos próprios destinatários, cabendo aos intelectuais e aos governantes, a tarefa de identificar e definir o modelo, partindo da realidade concreta na qual se realimentará .

Nas procedentes observações de Dallari, é muito importante, a constatação de que "um modelo político" implica também, necessariamente, num "modelo jurídico" e afirma: "... será impossível a implantação ou a definição de um modelo político, bem como a sua preservação, sem uma ordem jurídica

---

45. DALLARI, Dalmo de Abreu. Op. cit. p. 21



dica que, definindo competências, fixando uma organização e apontando meios de ação e garantia, assegure a convivência harmônica e a solução de conflitos segundo regras pré-estabelecidas." 46

Destacando ter-se tornado corriqueira no Brasil de hoje, a noção de modelo político, tanto quanto a de modelo econômico, Carlos Estevam Martins 47, salienta as dificuldades de equacionamento conceitual embora venha sendo usada como "se dispensasse apresentações."

Um modelo político, diz Carlos Estevam Martins, é a síntese de três elementos fundamentais que, metaforicamente poderíamos chamar de forma, matéria e espírito.

Manoel Gonçalves Ferreira Filho, professor Titular de Direito Constitucional da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, na Aula inaugural do ano letivo de 1972, sob o título: O Modelo na Constituição Vigente, proclama: "Toda Constituição configura um modelo político. Na medida que define a fonte do Poder, estabelece os órgãos do governo, o modo de seleção de seus titulares, a extensão de sua competência, está ela fixando um modelo político." 48

46. Idem. Ibidem. p. 23

47. MARTINS, Carlos Estevam. Capitalismo de Estado e Modelo Político no Brasil. p. 187

48. FERREIRA FILHO, Manoel Gonçalves. O Modelo na Constituição Vigente. LTr - Legislação do Trabalho .p.270

Mais adiante, depois de constatar \_  
que "o Projeto que a Constituição desenha não foi posto a prova"  
e que " em seu idealismo ingênuo, esse projeto enseja o estabele\_  
cimento de um modelo não democrático, verdadeiramente oligárqui-  
co, de governo", culmina por afirmar que " o cumprimento rigoro-  
so das normas constitucionais não fará do Brasil uma verdadeira\_  
Democracia" .

Na conclusão, afirma: " O projeto \_  
constitucional desconheceu a realidade da Pátria, não levou em  
conta o caráter do povo que há de vivificar as instituições, nem,  
como não seria difícil demonstrar, as suas condições sociais e  
econômicas".

Das idéias expostas, a conclusão que  
se impõe é que o atual modelo político não é uma representação \_  
da realidade social brasileira e que embora Dallari, esteja mui-  
to próximo do campo de abrangimento, não considerou a necessida-  
de de construção do futuro .

O modelo político, como tal contido\_  
nas idéias da teoria dos modelos, dos sistemas, da cibernética e  
dos conhecimentos da Era Tecnológica, é um instrumento flexível\_  
da realidade que representa, alimentado com previsões do futuro,  
eleitas pelos seus destinatários .

## 12. - MODELO POLÍTICO EXTERNO

Os cientistas do comportamento dos Estados no campo internacional, têm procurado encontrar padrões previsíveis das relações configurando várias teorias .

A Teoria do Equilíbrio do Poder, a teoria da segurança coletiva, a teoria da polarização do poder e as teorias da coibição e da "détente" .

A Teoria do Equilíbrio do Poder , parte da pressuposição de que o equilíbrio político num determinado grupo de Estados pode ser mantido se o poder for distribuído entre todos e de tal maneira que nenhum deles ou a combinação de vários possam determinar uma superioridade permanente , mantendo inalterada a independência .

A Teoria da Segurança Coletiva, procura estabelecer uma responsabilidade recíproca e por em disponibilidade comum os recursos de vários Estados, num esforço para manter a paz .

A Teoria da Polarização de Poderes provocou a construção de vários modelos teóricos de distribuição do poder na política internacional baseados na polarização

de poder, dois dos quais constituem os padrões bipolares e multipolares .

#### Teorias da Coibição e da Détente .

Intimamente ligadas à teoria da polarização, as teorias da coibição e da détente partem da existência de dois ou mais Estados em igual nível de poder. A coibição contém o comportamento agressivo do adversário pela ameaça de represália. Na détente os opositores, para preservar a paz, adotam uma política de mútuas acomodações e não intervenção nos negócios internos e no reconhecimento as hegemonias estabelecidas .

Esses padrões de política internacional têm determinado a formulação de modelos políticos externos, nos seus estreitos limites .

As últimas décadas registraram a ocorrência de aplicações práticas da teoria da Polarização de Poderes .

No final da II Guerra Mundial, com o aparecimento das duas superpotências, surgiu um modelo bipolar de poder internacional. Em decorrência de inevitáveis choques de interesses e diferenças ideológicas o Mundo ingressou na fase da guerra fria .

No decorrer da década de 60 com a prosperidade dos países da Europa Ocidental e do Japão a liderança dos Estados Unidos passou a ser contestada e o dólar perdeu prestígio .

Depois de Nixon ter sido forçado a declarar que os Estados Unidos não mais converteriam dólares em

ouro tornando letra morta o sistema de Bretton Woods a posição americana ficou ainda mais crítica .

Em 1973 com o enfraquecimento da liderança e o fortalecimento da próspera Comunidade Econômica Européia pelo ingresso da Grã-Bretanha, Irlanda e Dinamarca, houve uma multipolarização do poder internacional .

Em 1975 como consequência principalmente da quadriplicação do preço do petróleo que atingiu gravemente a economia da Europa, do Japão e da maioria dos países do Terceiro Mundo, a humanidade voltou a bipolaridade .

Constata-se uma tendência para a permanência da bipolaridade que determinará a formulação da política externa dos demais países, procurando modificar o equilíbrio entre as superpotências ou uma posição favorável aos seus interesses no campo externo .

O Modelo Político Externo do Brasil, como não poderia deixar de ser, sofreu influências decorrentes do comportamento dos demais Estados, procurou contudo manter principalmente nos últimos anos - uma linha pragmática coerente com o seu esforço desenvolvimentista e com a sua posição na América Latina .

A atual tendência na orientação do modelo revela um não alinhamento as chamadas potências mundiais, o fortalecimento da posição de defesa dos interesses econômicos e estratégicos do Atlântico Sul, na aproximação ao mundo Socialista, na posição de equidistância face ao conflito árabe-israelita, a ação efetiva para aproveitamento do potencial hidráulico

energético da fronteira sudoeste do país e, dentre outras atitudes e ações, a invasão do Clube Atômico .

Em relação à África, como salientou Carlos Estevam Martins, " ... a novidade dos passos dados residiu justamente no empenho posto para colocar o país na posição de "parceiro desenvolvimentista" das nações africanas, mediante a concessão de empréstimos, o estreitamento do intercâmbio, a oferta de assistência técnica e o estímulo a investidores públicos e privados para participarem do processo de industrialização daquilo que, não por acaso, passou a ser com mais frequência chamado de Fronteira Leste." <sup>49</sup>

---

49. MARTINS, Carlos Estevam. A Evolução da Política Externa Brasileira na Década 64/74. Estudos Cebrap 12. Rio de Janeiro. E. Cebrap. 1975. p. 96

### 13. - AÇÃO POLÍTICA

A Ação Política pode ser analisada sob duas formas: interna e externa .

A idéia de ação política interna abrange a de poder político, que parte da distinção entre governantes e governados. Em todo grupo humano há os que mandam e os que obedecem. Os que tomam as decisões e os que as cumprem .

Os atos políticos, portanto, correspondem usualmente aos atos dos governantes .

O "poder" ocorre sempre que há uma relação humana em desequilíbrio, quando uma das partes assume uma posição de superioridade em relação a outra, ou seja sempre que uma das partes pode obrigar a outra, submetendo-a .

Detentores do poder são os que exercem uma ação política sobre os outros homens .

Os meios mais importantes de ação política são a persuasão e a coação .

A idéia de ação política externa , por sua vez, é a de um padrão de comportamento que um ou mais Estados adotam, na defesa de seus interesses na relação com outros Estados. Tem por base o processo de tomada de decisões para a formulação de roteiros de ação .

A ação política externa pode ser fracionalizada em duas correntes: a) - política externa econômica, militar, cultural ou financeira, ou b) - política externa baseada na identidade de diretrizes da área geográfica .

A política externa é formulada com base em princípios gerais que orientam a seleção de propósitos e finalidades. Dentre os mais importantes, merecem menção: a manutenção da integridade do Estado; a promoção dos interesses econômicos; a consecução da Segurança Nacional; a proteção do Prestígio Nacional e o desenvolvimento do Poder .

A política externa sofre condicionamentos dos seguintes fatores: geográfico-estratégico; populacional; recursos-econômicos e ideológico .

A ação política externa é formulada na estrutura constitucional pelo Poder Executivo e seus Órgãos Administrativos, pelo Ministério das Relações Exteriores e pelos Poderes Legislativo e Judiciário .

O Embaixador Geraldo Eulálio do Nascimento e Silva, sobre a formulação da política exterior, entende: "... nesse particular, compreende-se que embora a execução da política exterior seja da alçada do Ministério das Relações



mais analíticos, que indicam mais expressivamente o discurso parlamentar arenista global foram, geralmente, aqueles que transcreviam pronunciamentos de nosso Ministro das Relações Exteriores, do Presidente da República, de outras autoridades governamentais ou então transcreviam Declarações Conjuntas subscritas pelo Brasil e por outros países do continente latino-americano. A abordagem parlamentar restringiu-se quase em sua totalidade a comentários à margem daqueles documentos, em manifesto apoio às teses sustentadas pelo Itamarati, seja no que se refere à política econômica ou à política diplomática. De uma maneira geral, todos os argumentos e justificativas do Governo Federal foram repetidos e endossados pelo discurso arenista. Assim, nossa política externa não foi, certamente, "discutida" pela representação arenista, mas tão-somente "reproduzida" por ela dentro do Congresso." 51

Quanto à participação do Poder Judiciário na formulação da política exterior no Brasil, embora

---

51. MARINHO, Armando de Oliveira et al. O Congresso Nacional e a Política Externa Brasileira. Revista de ciência Política. v. 18. RJ. FGV, nº especial, abr. 1975, p. 76.

limitada pode ser encontrada principalmente nas decisões do Supremo Tribunal Federal, que constituem fonte formal de direito positivo, face a sua competência para processar e julgar originariamente nos crimes comuns e de responsabilidade o Ministro das Relações Exteriores, os chefes de missão diplomática de caráter permanente, os litígios entre Estados estrangeiros ou organismos internacionais e a União, os Estados, o Distrito Federal ou os Territórios, a extradição requisitada por Estado estrangeiro e julgar em recurso ordinário, as causas em que forem partes Estado estrangeiro ou organismo internacional, de um lado, e, de outro, município ou pessoa domiciliada ou residente no País, e julgar, mediante recurso extraordinário, as causas decididas em única ou última instância por outros tribunais, quando a decisão recorrida declarar a inconstitucionalidade de tratado .

O processo final de tomada de decisões inclui três importantes funções: a) informação e coleta de dados do serviço de informações; b) análise de dados ou a tradução de informações em alternativas formas de conduta; e c) o planejamento, seguido de formulação de decisões resultantes da adoção de diretrizes orientadoras da ação política.

Os instrumentos de ação política são importantíssimos para implementar as diretrizes, tendo sido amplamente utilizados, os que se enquadram nas seguintes categorias: a) político-legal; b) econômico-financeiro; c) militar e d) propagandístico-ideológico .

## C A P Í T U L O   I V

APLICABILIDADE DA TEORIA DOS MODELOS À AÇÃO POLÍTICA  
EXTERNA

#### 14. - CONCLUSÃO

A elevadíssima posição de setor externo do Brasil entre os países em desenvolvimento é inegável.

Os observadores políticos internacionais reconhecem por essa evidência que o Brasil é uma potência mundial emergente .

A ascensão depende da manutenção do nosso desenvolvimento .

Dentre as "peças" da estratégia , segundo o Ministro Reis Velloso, avulta o aumento das exportações, a taxas anuais da ordem de 20%, com diversificação con-tínua .

O "Projeto África", vinculado ao "fato de Brasil-potência", dentre os objetivos já enumerados quer identificar as oportunidades que, particularmente, na Áfri

ca, Subsaãrica, se abrem à presença econômica brasileira.

A sua legitimidade diante da necessidade de manutenção do nosso desenvolvimento principalmente em face a nossa dependência ao aumento das exportações, é irrecusável.

No entanto, a sua simples realização como um "exercício", em sí, pelo repensamento, ordenamento e comunicação dessa realidade complexa que é o sistema abrangido, justifica e legitima o "Projeto África" .

A solução desse problema complexo poderã ser tentada segundo várias metodologias .

Entendemos mais adequada para a solução de problemas complexos a que envolve a utilização consciente e deliberada de conhecimentos e técnicas da organização, da informação, dos modelos, dos sistemas, da comunicação e do controle, combinados com as máquinas da Era Tecnológica, em cujo limiar nos encontramos .

Essa metodologia é interdisciplinar, aplicando-se a qualquer todo constituído por elementos ou componentes em interação .

As empresas modernas, há quase dez anos, vêm fazendo, com bons resultados, emprego efetivo de princípios de Administração Sistêmica, evidentemente originários da Teoria Geral dos Sistemas e algumas, dentre as maiores, chegaram a utilização de modelos computadorizados .

Demonstrada a aplicabilidade da Teoria dos Modelos na administração moderna ressalta evidente a

sua aplicabilidade ao "Projeto África", que dentre outros objetivos quer agir "empresarialmente" e exportar para a África .

O presente exercício pretendeu mostrar que a solução, a decisão, o acompanhamento e eventuais correções, para solver o problema de desenvolvimento econômico poderão ser eficientemente promovidos com a utilização de um modelo de ação política externa .

O modelo poderá ser construído pela combinação de conhecimentos disponíveis e em especial das Teorias dos modelos, da comunicação e controle, da cibernética e dos sistemas com as máquinas .

A realidade do sistema será representada simplificada e simbolicamente num computador, gerando pela combinação homem máquina um instrumento flexível de controle, retroalimentação e decisão, pelo constante confronto das imagens de expectativa e ocorrência .

A decisão, para legitimar-se, deverá refletir como uma constante, "o espírito" da vontade do povo que abrangerá .

## BIBLIOGRAFIA

## BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Alcides. Análise Sistêmica dos Partidos Políticos. Porto Alegre. RS. Editora Movimento/Editora da Udesc, 1977 .
- ALMOND, Gabriel A. e POWELL JR., G. Bingham. Uma Teoria de Política Comparada. Rio de Janeiro, Zahar, 1972 .
- AZAMBUJA, Darcy. Teoria Geral do Estado. Rio Grande do Sul. Editora Globo, 1969 .
- BARCELLOS, William. A Teoria dos Sistemas na Administração. Rio de Janeiro, Impacto, 1977 .
- BERTALANFFY, Ludwig von. et. at. Teoria dos Sistemas. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1976 .
- \_\_\_\_\_. Teoria Geral dos Sistemas. Petrópolis . Vozes, 1973 .
- BONAVIDES, Paulo. Ciência Política. 3 ed., Rio de Janeiro, Forense, 1976 .
- BRZEZINSKI, Zbigniew. Entre duas Eras. América: Laboratório do Mundo, 3 ed., Rio de Janeiro, Artenova, 1976 .
- BUCKLEY, Walter F. . A Socieologia e a Moderna Teoria dos Sistemas. São Paulo, Cultrix, Editora da USP (1971) .
- CARDOSO, Fernando Henrique. O Modelo Político Brasileiro e Outros Ensaios. 3 ed. Rio de Janeiro, Difel, 1977 .
- CHAKRAVARTY, S. The logic of Investment Planning. Amnsterdã , North - Holland Publishing, 1959,
- CHURCHMAN, C. West. Introdução à Teoria dos Sistemas. 2 ed. Petrópolis, RJ., 1972 .
- DALLARI, Dalmo de Abreu. O Renascer do Direito. São Paulo, José Buschtsky, 1976,
- DEUTSCH, Karl W. Os Nervos do Governo. Rio de Janeiro. Bloch Editores, 1971 .



- DUVERGER, Maurice. Ciência Política. Teoria e Método. 2 ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1976 .
- \_\_\_\_\_. Instituciones Politicas y Derecho Constitucional. Barcelona, Ediciones Ariel, 1970 .
- FERREIRA FILHO, Manoel Gonçalves. O Modelo na Constituição Vigente. LTr - Legislação do Trabalho. São Paulo, Abril, 1972.
- FOURASTIÉ, J. et al. Economia. Rio de Janeiro, FGV, 1975 .
- EASTON, David. Modalidades de Análise Política. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1970 .
- HAURIOU, André. Derecho Constitucional e Instituciones Políticas. 4 ed., Barcelona, Ediciones Ariel, 1971 .
- KAPLAN, Abraham. A Conduta na Pesquisa. S. Paulo. E.P.U., Ed.da Universidade de São Paulo, 1975 .
- LINARES QUINTANA, Segundo V. Derecho Constitucional e Instituciones Políticas. Buenos-Aires. 3v. Aeledo-Perrot, 1970 .
- MARCH, James C. O Poder do Poder. in Modalidades de Análise Política. David Easton (organizador) Rio de Janeiro. Zahar , 1970 .
- MARTINS, Carlos Estevam. Capitalismo de Estado e Modelo Político no Brasil. Rio de Janeiro, Edição do Graal, 1977 .
- \_\_\_\_\_. A Evolução da Política Externa. Estudos Cebrap 12. São Paulo, abr/mai./jun., 1975 .
- MEADOWS, Donella H, et al. Limites do Crescimento. S. Paulo . Editora Perspectiva, 1973 .
- MESAROVIC, Mihajlo e PESTEL, Eduard. Momento de Decisão. O Segundo Informe ao Clube de Roma. Rio de Janeiro. Agir, 1975 .
- MACKENZIE, W. A Ciência Política. Amadora, Portugal, Livraria Bertrand .

- NASCIMENTO E SILVA, Geraldo Eulálio do. Mutabilidade da Política Exterior. Revista de Ciência Política. V. 18. RJ, FGV, nº 2/Jun.75.
- NICK, Eva e RODRIGUES, Heliana. Modelos em Psicologia. Rio de Janeiro, Zahar, 1977.
- OLIVEIRA MARINHO, Armando de, et al. O Congresso Brasileiro e a Política Externa. Revista de Ciência Política, vol.18, Rio de Janeiro, FGV, nº esp. Abril, 1975.
- PINTO FERREIRA, Luiz. Princípios Gerais do Direito Constitucional Moderno. 5 ed. São Paulo, Editora Revista dos Tribunais, 1971.
- RAPOPORT, Anatol. Aspectos Matemáticos da Análise Geral dos Sistemas. In : Bertalanffy, Ludwig von et al, Teoria Geral dos Sistemas, RJ, FGV, 1976.
- REIS VELLOSO, João Paulo dos. Brasil : A solução positiva. Abril Tec Editora Ltda, 1978.
- RODEE, C.C. et al. Introdução à Ciência Política. RJ. Agir, 1977, 2 v.
- ROETT, Riordan, et al. O Brasil na Década de 70. RJ., Zahar, 1978.
- RUIZ, João Álvaro. Metodologia Científica. Guia para a eficiência nos estudos. São Paulo, Atlas, 1977.
- SANTOS, Silvio Coelho dos. Metodologia Científica Básica. Florianópolis, SC, UFSC, 1975.
- SIMONSEN, Mário Henrique. O Modelo Brasileiro de Desenvolvimento. Brasília, MEC/MOBRAL, 1973.
- \_\_\_\_\_. Brasil 2001. 4 ed. RJ, Apec, 1969.
- \_\_\_\_\_. Brasil 2002. Rio de Janeiro, Apec-Edições Bloch, 1972.

- THIAGO, Acácio Garibaldi S. In: Apresentação. Linhas de Pesquisa. Florianópolis, Santa Catarina, Imprensa Universitária, UFSC, 1976.
- TOFFLER, Alvin. O Espasmo da Economia. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1977.
- \_\_\_\_\_. Aprendendo para o Futuro. Rio de Janeiro, Artenova, 1977.
- VERA, Armando Asti. Metodologia da Pesquisa Científica. Rio Grande do Sul, Editora Globo S/A, 1973.
- YOUNG, Oran R. Introdução à Análise de Sistemas Políticos. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1970.